

WOLF JESCO VON PUTTKAMER

Antropólogos / Antropologia

# A justa dimensão humana de um amigo dos nossos índios

José Luiz Bittencourt

“D aqui a pouco não tem mais índios”, costumava dizer o antropólogo Wolf Jesco von Puttkamer, nascido no Estado do Rio de Janeiro, filho do barão Wolf Heinrich Freiherr Puttkamer-Schickerwitz, um tenente de cavalaria, alemão, engenheiro agrônomo e naturalista. Sua mãe, Karin von Puttkamer, era carioca de descendência sueca e foi, como o pai, uma pioneira dos sertões, jovem mulher habituada ao trabalho rural na cidade fluminense de Macaé, na Fazenda Monte Verde, de onde depois se transferiu para o Triângulo mineiro, vivendo na cidade de Patrocinio, onde o marido cuidou da mineração, garimpando diamantes, explorando a kimberlita e descobrindo vestígios de platina.

“A etnologia está com os dias contados”, afirmava sempre como que a resumir, nos últimos anos de vida, um laborioso tempo dedicado ao estudo de nossos silvícolas. Aos 75 anos, de parada cardíaca, morreu em Goiânia, deixando uma história de absoluta devoção à causa indígena no Brasil, autor do maior acervo nacional de imagens dos povos da Amazônia e do Centro-Oeste. Três décadas e meia de bons serviços prestados à antropologia visual, de que foi precursor aqui, construíram a sua biografia de ativo defensor e auto-determinação dos povos e das nações indígenas.

Em São João del Rey, no Colégio Santo Antônio, dos padres franciscanos, fez as humanidades e prestou o serviço militar no 11º Regimento de Infantaria, matriculando-se na Escola de Química da Universidade do Brasil, tradicional estabelecimento de ensino técnico que funcionava na Praia Vermelha. Mais tarde, motivado por razões de famílias, viajou para a Alemanha, ali cursando a Universidade de Breslau e, na Escola Politécnica, especializou-se em ciências naturais, mineralogia e jornalismo. Com a entrada do Brasil na guerra, em agosto de 1942, foi preso e advertido de que era agora cidadão inimigo e posto sob prisão domiciliar, o que lhe valeu também a expulsão das aulas universitárias.

Conta Jesco, em síntese biográfica, que seu passaporte e certificado de reservista do Exército Brasileiro foram declarados nulos e apreendidos pela polícia política do Terceiro Reich. Ele relata que lhe foi oferecida a cidadania alemã, mas a recusou e, por isso, obrigado a trabalhos forçados até o fim da guerra, sobrevivendo aos castigos, torturas e todos os métodos mais in-



fames de humilhações físicas. Quando Breslau foi atacada pelos russos, conseguiu fugir para Erlangen, perto de Nuremberg, sendo então ajudado pelas tropas americanas e solicitado posteriormente e assumir a presidência do Brazilian Comite, com a missão de cuidar dos cidadãos brasileiros, ali residentes, até a instalação de nossa representação-diplomática na Alemanha Ocidental. Nessa época, como fotógrafo, trabalhou para o Exército Aliado nos tribunais de Nuremberg e para vários organismos humanitários das Nações Unidas.

Em 1947, como assistente de imigração e colonização foi convocado pelo governador Jeronymo Coimbra Bueno, um velho amigo da família e, como representante de Goiás no Itamarati, esteve durante alguns anos controlando assentamento de imigrantes e colonos estrangeiros em diferentes localidades do nosso Centro-Oeste. Foi assim que, pela primeira vez, travou conhecimento com os índios karajás e krahôs, frequentemente sobre-

voando as aldeias dos xavantes, ainda hostis à civilização, no Estado de Mato Grosso. Adquiriu, em 1950, uma pequena chácara nos arredores de Goiânia, onde com os pais, fabricava vinho e geléia, criava galinhas e plantava árvores frutíferas. Todavia, resolveu deixar o velho barão Puttkamer e passou a se dedicar intensivamente ao estudo e a documentação: por meio de fotos, filmes e gravações sonoras, diários escritos in loco, das muitas tribos em estado de pacificação que ainda existiam no Brasil, principalmente em Goiás, Mato Grosso, Rondônia, no Acre e na Amazônia.

Amigo dos irmãos Villas-Boas e, depois, de Chico Aipoena Meirelles, que chamava de “mestres”, com eles sobreviveu em frentes de atração como objetivo de documentar e observar os silvícolas ainda puros, e não envolvidos pela civilização, e seus processos destruidores. Inicialmente, com os karajás na Operação Bananal (1960), e, a seguir, além de esporádicas visitas aos irmãos Villas-Boas (entre 1948-60) incorporou-se, em caráter definitivo, às expedições então organizadas, participando também de diversas entradas pelo sertão e contactos novos. Em 1969, foi com Chico Meirelles, a convite deste, para Rondônia e Norte de Mato Grosso, atuando junto aos índios do rio Aripuana e Tenente Marques, além de grupos ainda arredios de Cinta-Larga.

Teve Jesco o apoio de instituições internacionais, inclusive da BBC de Londres, que editou e exibiu sete dos seus filmes, e da revista National Geographic, que publicou cinco histórias de sua autoria, sobre índios do Brasil. A partir de 1973, passou a integrar o Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia da Universidade Católica de Goiás, à qual fez a doação de todo material colhido ao longo de suas incursões pelos nossos sertões e da qual, em regime especial, foi professor. O primeiro dos seus 18 livros foi impresso pela UCG, lançado em fevereiro de 1984, e leva o título de “Curumim”. Ultimamente, vinha se dedicando à consolidação do Museu Indigenista “Acary de Passos”, cujo acervo dispõe de 300 mil fotografias, mil horas de áudio e vídeo, como também 20 mil páginas de diários do campo.

Antropólogo, indigenista, professor, sertanista, naturalista, jornalista, químico, versado em assuntos de engenharia civil e agrônomo, ele foi um paciente estudioso dos povos indígenas do Brasil. Em 1983, conservava empilhados numa arca, como um mapa de tesouro, 100 mil slides e 3.400 horas de filmes: esse brasileiro de porte ger-

VIDE-VERSO

mânico documentou o dia-a-dia dos Txixião, Marubo, Sarul, Nambiquara, Txucarramãe, Karajá, vendeu 50 hectares de terra que possuía na zona urbana de Goiânia, para manter uma fundação com o seu nome, dedicada a catalogar, conservar e estudar todo o material que logrou obter. Viveu no Posto Dianuarum, cobriu o julgamento de Nuremberg junto com Erka Mann, filha do escritor Thomas Mann, captou em sua máquina cenas raras, como uma índia dando a luz numa praia e a reação de uma tribo Suia diante de um eclipse lunar. Um traço do seu caráter: sempre se recusou a comentar a nossa política indigenista ("Falo de coisas que observei, não de política"). Com os índios Cinta-Larga consumiu dois anos e 30 mil slides.

Na Alemanha, terra natal de seus pais, foi um brasileiro contra a Gestapo e sofreu bastante com o desaparecimento do seu irmão Olavo, capturado pelos nazistas, internado em campo de concentração, submetido a vexames morais e, afinal, assassinado. Esse irmão era estudante da Escola de Agronomia de Witzenhansen e o seu paradeiro é desconhecido desde que, tendo repudiado a cidadania alemã para servir ao Exército de Hitler, foi levado a uma prisão especial e daí para a Alta Silésia. Nunca mais soube do seu destino, não obstante os esforços desenvolvidos pela diplomacia da Suíça e no Brasil, que tentou o possível para localizar o nosso jovem compatriota brasileiro. E sua vida inteira, assim como a do barão Puttkamer, foi de culto à memória do irmão, com o qual passou a infância nos sertões do Goiás e Mato Grosso, e a juventude famosas escolas da Europa.

Eu o conheci em 1948, quando era um homem de invejável vigor físico, extremamente gentil, de gestos educados, muito respeitoso diante das pessoas, inteligente, de aguda visão dos problemas da sua área de conhecimentos técnicos, amigo dos que lhe mereciam a confiança e feito goiano por seu apaixonado amor à terra e às tradições de nosso povo. Encontrei-o, pela última vez, numa das reuniões do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, já doente, diabético, com uma perna amputada, mas jovial, conduzindo sua máquina fotográfica a tiracolo, de irrepreensível postura física, orgulhoso de suas origens e fiel às nações indígenas, que sempre defendeu por toda a existência. Foi um encontro gratificante, de companheiros entusiastas do idealismo de servir, de cidadãos limpos na pureza de edificantes princípios cristãos, um encontro que me trouxe muita emoção e alegria.

Certa feita, em jornal de São Paulo, um repórter chamou Jesco de "caçador de selvagens", o que ele efetivamente não foi nunca. Nada mais impróprio, mais injusto, mais impolido, mais inadequado e incerto para assim denominá-lo. Ele não pode jamais ser igualado à figura do coronel inglês Percy Harrison Fawcett, desaparecido em 1925 quando procurava o lendário continente da Atlântida na bacia do rio Araguaia. Este era um aventureiro típico, traiu a confiança dos índios kalapalos ao negar um colar prometido a uma mulher da tribo, além de bater num menino que tentou roubar-lhe o facão. Levou diversas bordunadas na cabeça e morreu agarrado a uma árvore, nas proximidades da cidade de Xavantina, no Mato Grosso. Sua ossada foi descoberta por Orlando Villas-Boas em 1951, em meio a uma missão exploratória nas proximidades das Serra do Roncador e, mais tarde, levada por Assis Chateaubriand para o Royal Anthropological Institute de Londres, a fim de ser examinada por cientista da Inglaterra.

Sobre esse coronel de Artilharia do Exército Inglês, ex-vice rei da Índia, membro da guarda pessoal dos soberanos de seu país e explorador das montanhas do Tibet, esse "caçador de selvagens", sir Percy Harrison Fawcett, nada tem de semelhante com o filho brasileiro do barão Puttkamer. Um é a antítese do outro, um foi aventureiro e outro era um idealista, protetor e amigo dos índios, generoso, humanitário, de sólida tessitura cultural, de luminosa trajetória pelo mundo da fraternidade, um homem de alta dignidade moral e profundo senso das coisas. Mesmo atingido pela doença, quase impossibilitando de se locomover, era impecável na elegância da conduta, fiel à vocação do sertanista, do antropólogo, do indigenista, do homem de ciência e de formação universitária.

No Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, ocupava a cadeira nº 42 e o seu patrono era o ministro Jorge Latour, por coincidência um diplomata ilustre do nosso Iamarati, seu particular amigo, que o ajudou bastante quando regressou ao berço natal depois da Segunda Grande Guerra. Com a acolhida fraternal e a colaboração de Altair Sales Barbosa, este é hoje um guardião de sua memória, vigilante na conservação do seu patrimônio cultural, um companheiro que lhe não faltou em vida e que não lhe faltará quando está morto. Recentemente, na Assembléia Legislativa, o deputado Luiz Bittencourt, que se destaca por sua posição política em defesa da inteligência goiana, fez um pronunciamento de exegese cultural sobre a obra de Wolf Jesco von

Dona Mila. Era tenente reformado do Exército, foi integrante da Expedição Roncador-Xingu, trabalhou com os sertanistas Hermanno Ribeiro da Silva e Villas-Boas, abriu campos de pouso na Ilha do Bananal, conviveu fraternalmente com os carajás e avançou pelo sertão para salvar os valores de nossa cultura indígena.

Com o prestimoso amigo Wolf Jesco von Puttkamer, fez parte das bandeiras e entradas da Fundação Brasil Central, com ele dividiu duas preocupações relativas ao futuro dos índios brasileiros, tornou-se uma figura mundialmente conhecida por sua contribuição aos estudos antropológicos na América do Sul e morreu na certeza de que cumpriu a sua tarefa missionária, adstrito ao melhor sentimento de que cumpriu a sua tarefa missionária, adscrito ao melhor sentimento de patriotismo. O cacique Raoni o estimava e sempre dizia que a sua liderança era um inquestionável produto da inabalável confiança depositada em anos da amizade frequentemente renovada. O que significava um permanente traço da união entre as tribos indígenas de Goiás e Mato Grosso com o bravo sertanista.

O professor Acary Passos Oliveira é autor de vários estudos sobre Etnologia e publicou dois livros: "Conhecendo o Índio" e "Expedição Roncador-Xingu", este último relatando episódio de suas excursões pelas selvas do Brasil Central chefiando grupos que, sob o comando do ministro João Alberto, atendiam ao apelo da marcha para o oeste, famoso grito de integração da nossa hinterlândia, que Getúlio Vargas fez ecoar por todo o Brasil, ao tempo do Estado Novo. Durante toda a sua existência, ele fez do trabalho assistencial ao índio um vigilante esforço de defesa da integridade de sua pessoa humana, de seus direitos, de seu patrimônio cultural e da sua inalienável dignidade.

Jesco e Acary estiveram unidos até o fim. É impossível falar-se de cada um isoladamente, pois ambos se completam no amor à causa indígena, nas pesquisas, nos estudos universitários e na conservação do imenso acervo coletado em periódicas incursões pelo nosso Centro-Oeste. Acary deixou uma grande e honrada família. Solteiro, Jesco acumulou a sua herança e dela fez doação ao Museu Antropológico da Universidade Federal, que hoje tem a responsabilidade de conservá-la. Um e outro são homens que ajudaram a escrever, por sertões bravios, a verdadeira História do Brasil. Merecem o respeito da Nação.

**(JOSÉ LUIZ BITTENCOURT** foi Vice-Governador do Estado de Goiás e é membro da Academia Goiana de Letras)

Puttkamer para muito bem situá-la nas páginas de nossa História. E com justiça, porque ele foi um brasileiro de extraordinária dimensão humana, que soube dar à sua vida o destino somente reservado aos notáveis varões da Pátria.

Estaria sendo injusto se, ao concluir este breve necrológico, não me referisse à pessoa do professor Acary Passos Oliveira, falecido no Hospital Santa Genoveva às 23h30 do dia 23 de maio de 1993, vítima de parada cardíaca. Cinquenta dos seus 85 anos de vida, com entusiasmo, ardor cívico e muita paixão, foram por ele oferecidos à defesa dos índios brasileiros, terminando os seus dias como diretor do Museu Antropológico da Universidade Federal e professor de Etnologia da Universidade Católica de Goiás, quatro filhos, nove netos e nove bisnetos, inclusive a viúva, srª Maria Aparecida Delgado de Oliveira, mais conhecida por